



CABEÇA DE TOURO

CABEÇA  
DE TOURO

Guilherme Dearo

RIO DE JANEIRO  
2019



## SUMÁRIO

### AS PAISAGENS

- Porque as samambaias são mais sábias, 15
- Na paisagem de unhas sujas, 19
- Nas ruínas de uma praça em Argos, 21
- Nas velhas ruas da cidade havia lambe-lambes políticos, 25
- Amanhece numa grande cidade, 29
- Uma manhã tropical se inicia, 31
- À tarde, as alegrias fugazes dos homens, 33

### AS BIOGRAFIAS

- Agora não se fala mais sobre o que restou de bom, 39
- O galo ao meio-dia murmura na cidade silenciada, 43
- Dirão que não ofenderam nenhum animal, 47
- Domingo, Praça Quinze, 49
- Nada além da limitada carne, 53
- Dois bêbados debatem às três e trinta, 59
- Nenhum alarde sobre os telhados, 63

## OS CORPOS

O touro na cabeça, 67

Nas ladeiras, a sarabanda tem pressa e vira à esquerda, 71

Corpos sujos, 75

E não era com a própria boca que se ria, 77

Vim ao mundo de verdade. O medo, antes, 79

O chifre do touro no céu da boca, 83

*Mesmo que fale somente de pedras ou de brisas a obra do artista vem sempre dizer-nos isto: Que não somos apenas animais acossados na luta pela sobrevivência, mas que somos, por direito natural, herdeiros da liberdade e da dignidade do ser*

Sophia de Mello Breyner Andresen

*(...) dar a estocada nas condições requeridas implica, por exemplo, que ele coloque seu corpo, durante um tempo apreciável, ao alcance dos chifres*

Michel Leiris

*Como será meu redentor?, pergunto-me.  
Será um touro ou um homem? Será talvez um touro  
com rosto de homem? Ou será como eu?*

Jorge Luis Borges

#### **EXEMPLO DE DEDICATÓRIA**

Em 1999, após décadas em processo, o artista conceitual japonês On Kawara finalizou seu projeto Um Milhão de Anos. Na primeira parte, iniciada nos anos 1960, Um Milhão de Anos (Passado), ele abriu um livro-caixa e começou a anotar nas folhas cada ano, de 998.031 a.C. até 1969 d.C. O trabalho tomou mais de dez volumes ao final. Ele dedicou o trabalho “A todos aqueles que viveram e morreram”. Em 1981, ele iniciou a segunda parte, Um Milhão de Anos (Futuro), anotando em novas folhas cada ano da humanidade, de 1993 d.C. até 1.001.992 d.C. Este ele dedicou “Ao último homem”.

A DEDICATÓRIA DESTE LIVRO

Antonia, Antonieta, Alonso, Augusto

**PRIMEIRO ATO:  
AS PAISAGENS**

PORQUE AS SAMAMBAIAS SÃO MAIS SÁBIAS

Veja a palmeira balançando suas garras  
em abnegação selvagem. E veja

sua postura fiel e seus valores  
pois silencia e permanece sob  
um céu volátil e ignorado mas  
firme sobre a terra. Sabe que

passará e entende  
o que não enxerga.

Em movimento se solta  
ao que lhe sopra aceita  
seus membros estoicos  
obedientes à dança natural.

E ela mesma sopra  
sobre nossas faces  
nos braços duros  
nas pernas gordas  
a paisagem perene.

Estática sabiamente  
parada enraíza sua história  
em sulcos profundos

eternamente ligada à terra  
sólida construção edificada maleável.

E sopra a pergunta: quem chegou  
primeiro quem mais pisa aqui e  
dança e segue o vento sem maiores  
questionamentos.

E continua a ser fiel.  
E continua a silenciar

até o último de seus dias balança  
suas garras na despedida de todos  
nós  
matéria frágil e dura.

**NA PAISAGEM DE UNHAS SUJAS**

larga a bicicleta  
para agradecer a terra  
por mantê-lo firme.

abraça e pede perdão pela displicência  
das pedaladas soberbas e velozes.

aperta-a contra o peito para reconhecer  
sua solidez tão  
perene e livre de preconceitos.

como é bondosa por nos dar a consistência  
do caminho.

não questiona como as rodas giram ou como  
as pernas trabalham no vento ameno.

como tão colossal nada diz e  
deixa que girem lubrificadas?

como tão lisa e roxa se curva e nos dá todas  
as condições para seguir em frente?

que a pedra me arremesse de dentes na lama  
e eu possa contemplar largado aqui  
uma ou duas certezas da vida.

#### NAS RUÍNAS DE UMA PRAÇA EM ARGOS

O vento fede.  
O vento fede e é pesado.  
São moscas:  
o vento zumbe voa fede e  
pousa.

O vento sopra as bandeiras.  
No meio-pau há meia-bandeira:

A bandeira é uma orgia democrática.  
ternos se reencontram  
nas mãos brancas e covardes  
narizes sentem cheiros  
  
as moscas pousam.

As moscas são esqueléticas. Os esqueletos infestam.

São feios andam em fila pedem perdão.  
Choram esquecimento e perdão.  
Comem do seu prato e do seu corpo.

O corpo é mole e fedido.  
babam sedentos por colo  
lambem suas coxas consoladoras  
raspam seus pratos duas refeições/dia

– só querem a receita e um carinho.

Deitam ao seu lado roçam  
os sexos patéticos à prova:  
por uma noite a mais se põem gentis  
e amorosas.

O amor de uma mosca. Uma mosca é uma chantagem.  
Amam e  
lemboram a própria podridão

querem uma carne arisca e vadia  
querem um odor corporal e vulgar  
querem uma vingança uma punição  
querem sua vergonha de joelhos  
pedem conselho uma humildade  
abraço sincero.

O abraço é quente. Quente é o vento.  
Abraços são seis patas de mosca:  
Voltam anualmente  
Ou de três em três décadas  
Enganam  
O vento oeste sopra cheiros  
Cedo ou tarde moscas  
Quando menos pensar  
São moscas.

NAS VELHAS RUAS DA CIDADE HAVIA LAMBE-LAMBES  
POLÍTICOS

I

O sol e dez sombras  
uma luz outonal  
uma pepsi um cacto  
uma iguana mexicana

Pelas ruelas uma multidão em festa de tradição local cheia  
[de fritura

Nos escombros turistas de bermuda cáqui uma leica na  
[mão um manual na outra  
Nas igrejas um afresco mal retocado uma perna de cera  
[velha uma senhora exigente  
  
Placas metálicas falam nomes de heróis  
Ruas desertas contam histórias de homens vencidos

Cena:

Um menino segue um  
violino que segue um  
cachorro que lambe um  
homem e cantam ceremoniosos:

Homens resistem intactos  
ainda que resquícios  
ainda que buracos  
ainda que pedaços  
resistem intactos

Do outro lado da cidade  
sem metrô e postal  
uma guerrilha juvenil urbana encena ionesco depois  
[acende um parliament  
depois lembra maiakóvski depois rebola depois vinho dez  
[reais etc.

II

Todos os caminhos dão em uma única  
estátua central onde todos devem se agachar  
O chão é marcado  
primeiro em linha reta os passos  
depois dois círculos idênticos os joelhos

Plantas selvagens em novembro  
cercam as casas  
dispensam muros altos  
produzem bons chás amargos

Uma lista afixada na porta de madeira  
com alguns milhares de nomes porque esquecem  
sempre os nomes:

é preciso saber ler e ir à placa conferi-la.

A escola traz carteiras perfeitamente enfileiradas  
é assombrada e ninguém mais dá aulas:

ainda é possível ouvir em algumas noites  
presente! presente! presente!

estudantes assíduos continuam a frequentá-la  
e quando faltam por motivo de força maior

outros respondem por eles: presente!

#### AMANHECE NUMA GRANDE CIDADE

uma vez mais a rua segura  
limpa lisa reta  
e segura

uma vez mais o terno de linho  
bom e bem cortado  
no homem bondoso  
de valores sólidos  
e crenças fartas

as sirenes alertas  
as rádios clássicas  
as missas cronometradas  
as frases de efeito

os torsos nus  
os braços sem mãos  
os coitos públicos  
os cobertores usados

e uma vez mais o sonho  
de ser uma vez mais  
a suprema manifestação

uma vez mais persistir  
e, um dia, triunfar

#### UMA MANHÃ TROPICAL SE INICIA

na praça se acumulam  
esperam  
palavras e ordens

(têm marcado de giz branco  
suas costas e blazers)

andam sempre com uma mão  
recolhida atrás do corpo  
não abrem ou oferecem

mas dão breves tapas  
nas costas dos companheiros  
mais queridos

ali contam-se os homens  
recolhem-se as mulheres  
junto com os animais  
outros objetos de valor:

espera-se deles o suor  
e a hipocrisia  
delas as pernas rotundas  
e abertas  
planejam apenas  
breves riscos no chão:  
não há muros e portas  
são homens inteiros  
sem ressalvas  
e desentendimentos:

não esperam que haja  
segredos e privacidades  
entre sentimentos  
puros de justiça e progresso.

#### À TARDE, AS ALEGRIAS FUGAZES DOS HOMENS

em fim de maio, um crepúsculo frio  
destino e despedida:

de um lado sentam homens de calças  
exuberantes

do outro sentam mulheres de lenços  
cerimoniosas

as mãos se separam: são suas  
obrigações

as mulheres veem o jogo, sombras  
fogueira, movimentos fantasmagóricos

aos homens, o privilégio do imediato  
o vigor cru da não-representação

eles observam de perto os artistas  
seus corpos suas madeiras seus bonecos  
as artimanhas as deixas os modos  
as mãos peludas  
as costas culpadas  
os rostos cansados  
os olhos planos e fixos  
sentem cheiros salientes

às mulheres resta calor e luz  
o precioso jogo de mimos e cantos  
sons das profundezas da caverna  
pré-platônica  
fascinam mas não ameaçam

aos homens restam as bocas podres e abertas  
imitações estridentes

do canto poético de mau hábito  
maquiavélico.

a história passa diante deles:  
são promessas vagas.

metade da plateia aplaude e chora  
outra metade agachada contempla

diante da crueza da verdade  
ambos sentem  
estar vivos

a pele delata  
a dura lembrança

**SEGUNDO ATO:  
AS BIOGRAFIAS**

AGORA NÃO SE FALA MAIS SOBRE O QUE RESTOU DE BOM

como quem some diz  
sempre a última palavra  
palavra que não era  
para ser a última  
– mas era importante –  
(daí a incontrolável  
vontade de  
achar um aviso  
uma epifania um  
futuro o fim)

vem tresloucada  
a necessidade de  
procurar ponto final  
vidência não-charlatanesca  
destino dramático temeroso  
despedida bonita doída  
(daí uns poucos dizeres  
serem lápide choro samba  
e vela)

mas sendo premonitório  
com consciência ou coincidência  
há de se ouvir que  
os becos guardam ciladas  
as palavras são fins  
e não justificam os meios  
dos outros  
– torpes e mortos –

deus é testemunha  
que lhe pediram para  
salvar essa casa  
santa  
mas no barraco  
televisionado  
as expectativas  
diminuem e pede-se  
no mínimo que resguarde

um pouco para  
mais tarde  
agora tudo é transparente  
(não vou falar das máscaras  
que já não mascaram)

quem tiver o que dizer  
se cale agora ou  
fale para sempre  
(está vetada  
a boa educação  
anulada  
a ponderância  
morta a aula  
de temperança  
excluída do  
dicionário  
a esperança)

O GALO AO MEIO-DIA MURMURA NA CIDADE SILENCIADA

As pernas afoitas os mijos os filhos  
murcham piedosos

os velhos recolhem-se às casas  
saudosos

os netos suspiram  
putos pobres dissimulados

(agora juntam moedas para a sessão das dez):

as línguas deram lugar às ladainhas  
salivas de livramento do segundo  
círculo do inferno secaram e regem  
missas e os terços se enroscam nos  
pescoços das mulheres os homens  
abusados jurando amores fáceis  
como jumentos servis lavam as  
miçangas cruzes penitências as  
tarologias e os cristais messiânicos

os guias que antes apaziguavam  
brigas e metiam mãos táticas  
nas bundas nuas agora só  
querem meter no bolso uma esmola  
comer do prato de comida um terço  
e para isso voltam às aulas de história  
de heróis revisados e dados duvidosos

nas ladeiras duras e cinzas da cidade  
silenciada

antes macias como carne fresca  
agora escorregadias de nostalgia  
e da falta do que fazer

ele tenta pisar criança engatinhando  
desbravar com facão o mato

atrás da cidade que um dia  
lhe deu esmeraldas e seios  
depois bateu a saudade de casa  
voltou à civilização  
cujos temperos e umidades  
fizeram-lhe sonhar feito bom  
selvagem e desejar tudo de novo:

mosquitos malária água gelada  
as três horas de sono as morenas  
vísceras

veio só pegar o pedaço do braço  
que deixou ali como sacrifício  
os músculos dele todos eles  
não dos deuses da putaria  
só pegar  
e limpar os beiços

**DIRÃO QUE NÃO OFENDERAM NENHUM ANIMAL**

Quando soarem os longos alarmes e eles souberem  
que não há tempo a perder

a vida será urgente – alarmes!

respondendo ao chamado dirão  
que foram bons amantes não deixaram de fazer gozar  
que fizeram as perguntas que deviam aos mais velhos  
não se preocuparam tanto não trabalharam quarenta horas

não deixaram de tomar sol de tomar umas pingas e um ar  
não foram cínicos ou grosseiros ou mesquinhos ou  
[impiedosos  
tiveram um cão deram água à planta jejuaram algumas vezes.

Assim poderão respirar aliviados mentirosos  
dizer ufa! deu tempo deu muito tempo sim  
deu tempo de sorrir por palavras finais belas e definitivas.

#### DOMINGO, PRAÇA QUINZE

Na praça onde  
as paixões vêm numeradas  
as ambições medem 2x2  
e as vocações têm cessão  
de direitos.

Uns passos à frente  
na via pavimentada  
o mar negro  
um museu que fala do futuro

e tem vergonha do passado  
as algas nunca esquecem.

Na Glória sorriem  
gentis e corajosos  
ignorantes e perfumados  
não pensam  
na eternidade.

Não há ambição na vida  
a não ser chegar  
ao fim do dia inteiro  
deitar na cama suado  
ser automação da aurora  
da rotação terrestre.

O quintal modernista  
está cheio de corpos  
e boas intenções

as boas intenções  
são plantas  
os corpos são pedras.

Numa manhã de domingo  
ligue o rádio  
sinta o drama:

louvar a vida repetida  
louvar a luta e a terra  
louvar a luta contra a terra.

Ambições com desdém  
resolve-se no murro  
troca-se  
fama e fortuna  
por um amor  
no Carnaval.

NADA ALÉM DA LIMITADA CARNE

I

Quando for para lembrar por que  
se é e se está e por que tanto respira  
levante quando os vasos estiverem caídos  
leia os cimentos quando estiverem marcados  
limpe a poeira quando a terra for muita

E quando a carne for fresca  
e as moscas muitas

e as flores frescas  
e as moscas muitas

E quando as moscas forem frescas  
e a maçã na boca fresca  
e a cidade, podre, muita

E quando o amor for fresco  
e as flores, de plástico, poucas

E quando as asas baterem na boca  
na narina no ouvido e zunirem muitas

e as palavras ainda tiverem um humilde significado:

lembre-se dos nomes com dignidade  
lembre-se em festa dos nomes  
que permanecem com dignidade  
diga em voz alta os nomes  
com dignidade.

## II

somos a passagem das aves migratórias  
somos a crueldade plantada profunda  
somos as forças diárias resistentes e nulas  
cada barco e porto cada festa e gozo  
cada parto e cada amor

somos a crueldade que veio antes de nós  
cada berro animalesco cruz e espada  
que nada sabemos e tudo pagamos

somos servos de cada morto e cada morte  
toda última luta e dança e fala ceremoniosa  
cada corpo e inseto que não pouparamos

para nos revelar a beleza  
cobram ousadia  
falam por nós e nos exigem  
prontidão

### III

Acredite em caminhar sozinho  
se chegou sozinho ao mundo  
sozinho partirá.

Estará sozinho no fim da estrada  
e sua mala vazia será sozinha  
e o seu sexo será sozinho  
e sua barriga será sozinha  
e seu pé empoeirado será sozinho  
e o cigarro será último e sozinho.

A viagem será só  
o solo será só e  
somente um sol  
só uma carona  
e uma piedade  
sozinha.

A palavra será única  
e o entendimento menos que isso.

Suas explicações você dará sozinho  
suas justificativas  
serão poucas e sozinhas.

Medirá o tempo  
pelo olho sozinho  
de lágrima sozinha  
e pela boca beijada  
sozinha  
e pelo corpo sozinho  
tudo ajambrado  
em medidas  
cruéis e sozinhas.

Assim terá sua verdade  
única e sozinha.

Assim caminhará  
na companhia dos homens  
e mulheres  
corajosos fracos e  
sozinhos.

DOIS BÊBADOS DEBATEM ÀS TRÊS E TRINTA

I

se o que se é seja ficar só ficar observar  
das primeiras geleiras à reunificação da pangeia

se o que se é seja não falar nada não mover ficar  
humilde e agradecer calado bons ventos que passam

ser sábio ser inteiro presente eterna consciência  
que os que correm atrasados não podem ter

e se o que se é não existe como pergunta seja  
entender consolar nos braços chorar um pouco

II

se fosse todos os outros fosse ficar nu fosse uma beleza  
[particular  
não o grosso catálogo *fashion nude* o filtro *classic* a abstração  
[fascista

se tivesse uma boa desculpa uma boa cama para deitar  
[pelado amar  
entrelaçar esquecer no próprio corpo que já não se  
[aguenta e range

e se for o abismo fútil da impossibilidade de ser ambos  
precisar escolher quem não se quer ser ainda que gentis  
[nos chamem

III

querer ser o outro domar o outro  
ser limite e molde  
ser criatura inteira  
ser alteridade e ser absoluto  
o todo à imagem de tudo  
só existir quando for tudo antes

daí vir o amor  
e a guerra  
as tragédias  
o casamento  
grandes danças  
grandes noites

a única coisa para ser: o corpo  
e a ordem, todos os outros corpos  
já foram corpos já nos deixaram  
hoje são limites e palavras e

trazem regras que devem ser respeitadas  
como um semáforo

NENHUM ALARDE SOBRE OS TELHADOS

Em um breve domingo  
me vejo na esquina  
corpo reto no farol  
que cruza o caminho  
e pega o trem matinal  
cheio e determinado.

Um passo  
é um passo

dos destinos inéditos  
dos desejos humildes e dignos  
dos pequenos gestos altruístas  
dos amores mais profundos  
e verdadeiros.

atrás de outro passo

dos sinais cósmicos  
das mensagens cifradas  
das impressões digitais.

Sonho o meu sonho único  
de um milhão de homens.

E assim me carrego  
um lugar qualquer.

**TERCEIRO ATO:**

**OS CORPOS**

O TOURO NA CABEÇA

Lembrar sempre  
de acrescentar  
uma sombra de chifre  
na vidinha certeira

dar vantagem  
mostrar uma carne  
cuspir um dente  
mancar um pouco:

ter o cu à mão  
ilusões postas  
terreno desfeito  
amor solapado

viver na dança  
nos rituais de  
acasalamento:

agarrar a vida pelo chifre  
escapar na última hora  
oferecer o ventre  
triscar o lombo  
derramar uma gota:  
bebê-la direta do colo  
do animal que lhe monta

provocar e chorar  
estocar e alçar voo

lembrar sempre  
da sombra do touro  
de ponta-cabeça:

na hora h  
vamos ver

agora ou nunca  
vai ou racha:

tudo a perder  
tudo a desvendar

úmida fenda  
que oferece os  
segredos da felicidade

chifre-a-chifre:  
alisar o pelo  
lascar um beijo

NAS LADEIRAS, A SARABANDA TEM PRESSA E VIRA  
À ESQUERDA

Como percorrem infinitos  
glóbulos vermelhos e brancos

assim são os dançarinos  
de bundas desavergonhadas  
que deslizam inebriados  
em véu colorido e serpentinal  
nus esguios melados ateus

pelas vielas tombadas  
apertadas

bêbados tropeçam nas vãs tentativas  
de amor:

tentam ir e vir

atrás do coração vermelho  
das batidas de maracatu  
das contas com o passado

do ritmo terno  
do bom lar

dos pedaços charque  
do carmo ao desamparo

pedem misericórdia  
pedem destilações  
pedem abrigos  
em mosteiros

Quando chegam as cinzas  
renascem pensativos e lentos  
profundos quilômetros distantes:

mais pesarosos e românticos  
menos urgentes e vis

buscam em outra são bento  
de novo o bom tambor  
o bom abrigo

de novo amor  
guerrilha urbana  
boca doce  
cut axé  
canela coxa  
corpo a corpo  
apertado correto  
tudo de novo.

### CORPOS SUJOS

Os cantos assombrados da cidade  
guardam seus fantasmas que  
levantam sombrios e esguios  
os copos sujos em homenagem  
aos corpos que nunca existiram  
aos torturadores laureados  
às viagens à praia  
e os ouvidos esquisitos esquecidos  
escutam vozes pedintes  
gritam nomes por uma memória

mantras de uma religião  
ouvem a vitrola correm  
atrás do vinil riscado volume um e dois  
do show de opinião da verdade da televisão  
assim os corpos animados e bem vivos  
jovens gostosos suados bêbados  
se apertam numa saleta no fim da rua  
para ouvir roda-viva e  
tudo o que a filha gosta  
levantam seus copos sujos  
ao futuro ao fim das chateações  
das buscas pela verdade  
somente as belas comissões de frente  
do frentista da ONU

E NÃO ERA COM A PRÓPRIA BOCA QUE SE RIA

Ouça!  
as juntas estourando  
as fibras maculadas  
os tendões disformes:

é o homem  
virando do avesso  
remexendo os mortos  
reescrevendo éticas

Ouça!

as vozes cada vez mais próximas  
o som do grotesco avesso  
os gritos dilacerantes

são os homens  
suas vozes  
empurmando-nos  
para mais perto das bombas

mais perto  
mais perto

o homem era avesso  
o avesso virou pele  
a pele virou avesso  
quiseram esconder  
o que oculto sempre foi  
para propósitos abjetos

há algo de proibido  
no mau hálito de cada bom homem

Ouça!  
eles querem todos falar  
mandar à merda  
dar bons conselhos  
serem apenas honestos

VIM AO MUNDO DE VERDADE. O MEDO, ANTES

pediu que esperasse,  
o susto  
porque havia fila  
os amores não andam soltos

a morte,  
antes  
porque os afoitos  
se esparramavam frios

o medo, antes  
porque viver não é tão bom  
os beijos são  
superestimados  
a coragem  
não tem cotação

o mundo  
não resiste trinta segundos

vim ao mundo de verdade  
antes  
todas as outras  
tentativas

vim ao mundo  
de verdade antes  
não havia nada:  
sou o primeiro

vim  
ao mundo de verdade  
antes o medo  
e a mão leve

vim e o medo, nada  
se conformar, vim  
de verdade o medo  
veio-nos e disse  
não

antes, dizer sim  
ao mundo digo sim  
não, o medo  
medo, antes:  
vim e digo sim.

O CHIFRE DO TOURO NO CÉU DA BOCA

Sentam ao nosso lado  
as bombas  
feras famintas  
Nos metem garganta abaixo  
o destino cruel  
dos homens nus  
Aos heróis atrasados  
pouco condecorados  
distribuem medalhas

Ao povo que  
não entendeu nada  
curram mais bondade  
e combate

Enterramos suas cabeças  
na terra

num só golpe

Continuam a mirar  
piedosos  
escondem as patas  
nunca vazias

Nossos corpos indestrutíveis  
só sentem fome e  
luxúria  
mas vamos dizer sentimos toda a humanidade  
e exaltamos a piedade e o povo

Nossos estômagos redondos  
só querem álcool e  
carinho  
mas vamos dizer sonhamos expectativas  
e revoluções justas

E os chifres nos roçam  
lentamente  
e querem que renunciemos.

## ÚLTIMO ATO:

### NOTAS E AGRADECIMENTOS

A primeira epígrafe deste livro, de Sophia de Mello Breyner Andresen, vem de sua fala de 11 de julho de 1964, proferida na entrega do Grande Prémio de Poesia, e publicada em *Coral e outros poemas* (Companhia das Letras, 2018).

A segunda epígrafe deste livro traz trecho do livro *A idade viril*, de Michel Leiris (Cosac Naify, 2003), em tradução de Paulo Neves.

A terceira epígrafe deste livro foi retirada do conto “A casa de Astérion”, de Jorge Luis Borges, presente em *O Aleph* (Companhia das Letras, 2008), traduzido por Davi Arrigucci Jr.

O título do poema “Uma manhã tropical se inicia” é referência direta a verso da canção-manifesto Geleia Geral, de Torquato Neto e Gilberto Gil.

O título do poema “À tarde, as alegrias fugazes dos homens” foi inspirado em trecho de *O grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald, segundo tradução de Vanessa Barbara (Penguin Companhia, 2017).

Pelas leituras, críticas, edições, aulas e inspirações: Angélica Freitas, Duda Ferraz, Felipe Moretti, Marcelino Freire, Juliana Travassos, Rita de Podestá, meus pais, minha irmã, família e amigos.



2019 Guilherme Dearo

*edição e revisão*  
juliana travassos  
gabriel pelluso

*projeto gráfico e diagramação*  
juliana travassos

*arte de capa*  
técnica mista sobre papel | william galdino

---

D285 Dearo, Guilherme.  
Cabeça de Touro / Guilherme Dearo. — Rio de Janeiro : edições garupa, 2019.  
84 p.

ISBN 978-85-5986-025-2.

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia. I. Título.

CDD 869.1

---

Bibliotecária responsável: Andréia dos Santos Martins CRB-7/6192

GARUPA  
rua acre, 77 – sala 705 – centro, rio de janeiro  
20081-000  
[leiagarupa.com](http://leiagarupa.com)  
[facebook.com/garupaedicoes](https://facebook.com/garupaedicoes)  
[instagram.com/garupaedicoes](https://instagram.com/garupaedicoes)

O miolo de *Cabeça de touro* foi composto em Bembo, adaptação moderna de tipo móvel desenhado por Francesco Griffó e usado pela primeira vez em livro de viagem de 1496. Sua capa, fazendo contraste, foi composta em Monarkbold, tipo deste século XXI. O livro foi impresso no Rio de Janeiro, em Benfica, na WSM Gráfica. Cada exemplar acompanha um pôster.

Tiragem de 1000 exemplares.

# CABEÇA DE TOURO

GUILHERME  
DEARO

ESSE PROJETO FOI REALIZADO COM APOIO  
DA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA  
– 2<sup>a</sup> EDIÇÃO DO EDITAL DE PUBLICAÇÃO  
DE LIVROS NA CIDADE DE SÃO PAULO

